

MEDALHA DE PRATA DO MUNICÍPIO PARA JOSÉ FERREIRA TROVÃO

“O QUE EU FAÇO É POR AMOR À TERRA”

José Trovão é homenageado pela Câmara Municipal. Aos 72 anos de idade, reforma-se da política com a saída da presidência da Assembleia Municipal, cargo que ocupou durante dois mandatos. A profissão de Veterinário ocupou a maior parte do seu tempo, mesmo em África onde exerceu com grande intensidade o seu mister. Casado e pai de quatro filhos, José Ferreira Trovão nunca se considerou um político “profissional” e sim um homem que gosta de lutar pelo desenvolvimento da sua terra.

— Por CARLOS LIMA

A VOZ DA PÓVOA - Qual é para si o significado desta homenagem ?

JOSÉ TROVÃO - Para mim, é com satisfação que recebo esta distinção, parece-me uma boa iniciativa e, ultimamente, a Câmara tem-no feito, e até certo ponto isto deve-se ao presidente Macedo Vieira, tem homenageado alguns filhos da terra que se distinguiram em diversos campos, seja na cultura, seja na parte do desporto e mesmo noutros sectores. Eu entendo que quando há razões para ser feito, é muito mais simpático que as homenagens sejam feitas em vida do que depois da morte.

AV.P. - Esta homenagem vem no seguimento do seu trabalho feito, tanto em cargos autárquicos como em diversas instituições do concelho de carácter social e humanitário...desde criança que sentiu necessidade de ajudar os outros?

J.T. - Sim, e aquilo que sou devo-o aos meus pais, que eram pessoas simples, o meu pai era agricultor rico, pode dizer-se, era gente humilde e de trabalho e que educaram os filhos para ajudarem sempre o próximo e essa educação marcou-me muito. Eu fiz o curso muito cedo, fui para Lisboa com 16 anos para Medicina Veterinária, já havia um trabalho na família, eu gostava de animais, estava ligado à terra. Era poveiro, e tudo contribuiu para que na realidade eu tirasse esse curso com um objectivo que era nessa altura ir para o nosso ultramar, o que depois, mais tarde, veio a confirmar-se com a minha ida para lá.

AV.P. - Dr. José Trovão, em entrevista ao A Voz da Póvoa, em 1994, sublinhava que tinha boas recordações de África, realmente marcou-o muito essa sua passagem pelo ultramar?

J.P. - Com certeza, eu estive vinte anos em África e esses tempos foram anos em que eu praticamente exerci a minha profissão de tal maneira intensa que eu gostei, e eu posso dizer que a família quando para lá foi também foi muito agradável, pelo tempo que lá passou, foram anos felizes, foram anos de trabalho, foram anos de satisfação, não só profissional como também familiar, e que na verdade marcaram bastante a minha vida e permitiram que eu continuasse dentro deste princípio de trabalho, mas nunca tendo em vista o facto de lá ficar, o meu objectivo foi sempre retornar à Póvoa.

AV.P. - Depois do seu regresso a Portugal...

J.T. - Eu cheguei a Portugal em 1968, apanhei a parte final da ditadura de Salazar, abracei o Marcelismo e depois apanhei a revolução do “25 de Abril” e a modificação completa do sistema que nós tínhamos, com o qual estávamos a ser regidos, que nos trouxe a liberdade, a possibilidade para aqueles que gostavam de trabalhar o fazerem e dizerem, darem as opiniões em vários assuntos. Eu encarei isto como uma possibilidade de concretizar os nossos projectos e ambições ou os nossos sonhos.

AV.P. - Foi nessa altura que entrou para a política, embora não se considere um político de raiz mas sim um homem de amor à causa pública e à sua terra?

J.P. - Pouco tempo após o meu regresso a Portugal, eu vim cá de férias, vim doente, andei durante algum tempo em tratamento e, ao fim desse tratamento, fui logo convidado para fazer parte da

Câmara Municipal, nessa altura, ainda antes do “25 de Abril”, e para algumas instituições da terra, como seja a Santa Casa da Misericórdia e os Bombeiros Voluntários. Como poveiro que sou, e tendo em conta os antecedentes familiares em que haviam antecessores meus que serviram estas instituições, eu



Macedo Vieira e José Trovão, o abraço da despedida política (Foto Estúdios David/Arquivo)

aceitei e comecei a trabalhar na Câmara, no anterior regime, e depois com o “25 de Abril” coube-me a mim fazer a transição para o regime democrático até ser nomeada a primeira Comissão Administrativa, que na verdade tomou conta dos destinos da Póvoa, para de seguida, serem feitas as primeiras eleições livres e democráticas. Nessa fase de transição, houve uma escolha por parte das entidades que nessa altura superintendiam as Câmaras, o Governo Civil e o Ministério da Administração Interna, e efectivamente, foram eles que deram a indicação para que eu permanecesse no lugar até que fosse nomeada a primeira Comissão Administrativa para tomar conta dos destinos da Póvoa.

AV.P. - Quando entrou nessa sua nova função de presidente de Câmara, o que é que sentiu na primeira vez que entrou nos paços do concelho?

J.T. - Sabe, eu já conhecia mais ou menos, a Câmara, embora eu tivesse estado ausente, mas durante aqueles meses até à concretização da minha entrada na Câmara eu tinha lá muitos amigos e também alguns familiares, eu sabia mais ou menos e como me interessava pelas coisas da terra, eu sabia como as coisas se estavam a passar e sabia que havia boas vontades para se concretizarem as coisas. Sabe que antigamente era mais difícil concretizar aquilo que se pretendia, primeiro porque se tinha pouco dinheiro, em segundo porque se uma obra custava mais dinheiro tínhamos que ir até Lisboa às entidades competentes para que nos ajudassem a concretizar essa obra, de maneira que era tudo muito mais

complicado e então tinha já uma ideia que a coisa era assim e a minha entrada para a câmara era com o propósito de trabalhar no sentido de procurar concretizar um certo número de aspirações que a terra tinha e que havia necessidade de as satisfazer.

AV.P. - Quais eram essas necessidades?

J.T. - Nós tínhamos uma terra que estava um pouco fora do contexto daquela ocasião e portanto era necessário dar-lhe um sentido de modernidade, de alindamento com aquilo que eram as ideias que nessa altura já estavam mais ou menos espalhadas pela Europa e nós tínhamos necessidade de acompanhar a situação e não ficarmos parados, porque nestas coisas parar é morrer, ficar num marasmo, e isso não era comigo, nem acho que, efectivamente, os poveiros também gostariam que nós continuássemos exactamente como estávamos, nós os poveiros somos briosos e gostamos que a nossa terra se alinde melhor, e não só nos agrada a nós como também àqueles que nos vêm visitar, e particularmente naquela altura a grande afluência à Póvoa eram os banhistas e nós gostávamos que estivessem bem e facultáramos-lhe condições que fizessem com que voltassem à Póvoa.

AV.P. - Depois da sua passagem pela Comissão Administrativa, qual é que foi o seu percurso?

J.T. - Quando deixei a Câmara, passei a estar mais ligado às instituições de solidariedade social, tudo isto porque um familiar iria concorrer à Câmara e, portanto, eu não estaria moralmente em condições de fazer concorrência, pelo contrário até o apoiei e efectivamente o que se verificou é que ele ganhou a Câmara, foi ele o primeiro presidente da Câmara da Póvoa eleito democraticamente, o Dr. Tenreiro Carneiro.

AV.P. - Depois dessa sua ligação às instituições, quando é que surgiu o convite para presidir à Assembleia Municipal da Póvoa?

J.T. - Eu logo desde o princípio comecei a fazer parte da Assembleia Municipal não como presidente mas como secretário da Assembleia durante dois mandatos, depois estive mais um mandato como vereador da câmara que era presidida pelo Dr. Manuel Vaz e depois, só após isso, é que, efectivamente, eu fiz dois mandatos como presidente da Assembleia Municipal, um no mandato do Dr. Manuel Vaz e outro no mandato do Dr. Macedo Vieira.

AV.P. - Deixou a política activa e agora?

J.T. - Agora deixei de ser político e passei da vida activa à passiva, agora sou um cidadão poveiro interessado, atento, acompanho as coisas da terra. Eu entendo que quando devo elogiar elogio, aquilo que devo criticar critico, não terei aquela função que teria dentro dos diferentes órgãos aonde eu permaneci, mas não posso deixar de continuar ligado à terra por uma questão de tradição, nós, eu e os familiares, devotamos uma parte da nossa vida e do nosso trabalho à terra, e assim tem que continuar.

AV.P. - Ainda tem algum sonho por concretizar?

J.T. - Não, talvez tenha ido mais além daquilo que eu esperava, comecei com as minhas carreiras profissionais e depois ligadas às autarquias e às instituições de solidariedade social. Dei aquilo que pude e que me era possível fazer, até porque atravessei uma fase difícil e, às vezes, as pessoas não fazem aquilo que pretendem. Considero positivo aquilo que fiz, foi na realidade motivo para estar satisfeito comigo mesmo.

AV.P. - Face a tudo isto, considera-se um homem feliz?

J.T. - Sim, sob o ponto de vista profissional, sob o ponto de vista familiar e público. Tenho netos e é com eles que passo a maior parte do meu tempo, também tenho que tratar o património que me foi deixado pelos meus pais, um património que me dá força a preservar para aqueles que me vão seguir.